

OLIMPIANOS RODRIGUEANOS:

Uma análise das crônicas esportivas de Nelson Rodrigues sob o conceito de Olimpianismo, de Edgar Morin

Adriana Brum

Nelson Rodrigues é uma figura única. Com seu teatro, foi considerado obscuro e mesmo assim alcançou o reconhecimento imediato da crítica, virou cânone na dramaturgia e na literatura. Atingiu o gosto popular com as crônicas publicadas em jornais e revistas, especialmente com as eróticas histórias de *A Vida Como Ela É ...*. Foi com a crônica esportiva, porém, que conquistou o público, com sua passionalidade. Combatente declarado dos “idiotas da objetividade” (rótulo dado aos defensores do jornalismo moderno), escreveu, ao longo de quatro décadas (entre 1940 e 1980), sobre o esporte bretão com prazer quase juvenil,

colocando nas nuvens os craques e os esquetes que o faziam vibrar e condenando ao purgatório aquilo do qual discordava. Exagerado por natureza, *over* em tudo o que fazia e sentia, foi no futebol que Nelson encontrou a melhor maneira de se expressar e de se juntar à massa – a mesma que não conseguia entender direito suas peças e o achava não mais do que um tarado, um perverso. (ROLLEMBERG, 1998, p. 57)

Ao lado do irmão Mário Rodrigues, foi um dos responsáveis por alçar o futebol à categoria de “paixão nacional” do brasileiro, ao consagrar atletas, eternizar jogos clássicos, retratando nas suas colunas as personagens das arquibancadas. Escreveu em tempos em que o jornalista se adaptou à padronização da linguagem e modo de apresentação do texto conforme recomendação das empresas jornalística, insistindo em manter o caráter literário de seu texto.

O surgimento e a proliferação dos meios de comunicação de massa (MCM) geraram uma nova forma de elevar os atletas ao posto de novos heróis, produtos para uma sociedade sedimentada no capitalismo, como apontou o sociólogo francês Edgar Morin no início da década de 1960. É sob a ótica da construção dos novos mitos surgidos no esporte alimentados pelos MCM que Morin apontou, no texto “*Os Olimpianos*” (1995, p. 105-109), serão analisadas seis das crônicas esportivas de Nelson Rodrigues. Foram selecionados os textos da coluna *Meu*

personagem da semana, da revista *Manchete Esportiva*, publicados entre 14 de junho e 12 de julho de 1958, período da Copa do Mundo da Suécia, em que o Brasil conquistou seu primeiro título mundial.

1. A crônica - um gênero sem gênero

Nascida nas páginas dos jornais, a crônica como se conhece hoje – com certo ar de “quem está escrevendo à toa”, “largando cada vez mais a intenção de informar e comentar para ficar, sobretudo, com a de divertir”, nas palavras do crítico literário Antônio Cândido (1992, p. 14), ela se estabiliza como gênero textual no Brasil com o Modernismo, especialmente a partir de 1930, “quando se torna veículo ideal de uma língua brasileira, rompendo com uma cultura erudita, de matriz lusitana, colocando-se como carro-chefe de uma literatura dirigida a um público maior, letrado que consumia jornais, mas não tinha o hábito de ler livros” (SANCHES NETO, 2008). Surge juntamente com o jornal impresso europeu no período em que a burguesia ascende e as redações são polos de informação e politização para o embate com a classe então dominante (a nobreza) a partir do século XVII. Com a nova classe estabilizada, a imprensa é transforma-se em empresa a serviço da manutenção dos valores burgueses.

O mesmo processo se repete no Brasil com um século de atraso (SODRÉ, 1998, p. 251). No final do século XIX começa o declínio dos muitos pequenos jornais, trocados pelas primeiras grandes redações. Para ampliar e fidelizar o público leitor, os jornais dedicam espaços ao entretenimento. A princípio, era o folhetim, em que romances eram publicados em capítulos. Aos poucos, esse gênero ganha novos formatos, o texto ganha um ar de gratuidade, perde em tamanho, desenvolve-se o formato do que hoje se conhece por “crônica” (CÂNDIDO, 1992, p. 14).

José Castello (2008) coloca a crônica nas “fronteiras longínquas da literatura, ali onde os gêneros se esfumam e as certezas vacilam”, apontando a multiplicidade de óticas pela qual a crônica é tomada. Para muitos, um gênero próprio do Jornalismo. Outros a reclamam para a História. Outros, ainda, a requerem para a Literatura. Suas características fluidas permitem enquadrá-la nesses três campos. Situa-la como gênero de fronteira surge como solução possível, sendo este o local em que estão obras entre a ficção e a realidade, textos com “dimensões diversas, multifacetadas e complexas, configuradas seja no esforço de historiadores e artistas para construir um imaginário da identidade brasileira (CHIAPPINI; BRESCIANI apud

CAPRARO, 2007, p. 28). Nessa mesma classificação cabem ainda o romance histórico e o ensaio de cunho sociológico.

Com seu caráter regular, momentâneo e de envolvimento social, a crônica foi, durante décadas, o gênero na Literatura que mais publicou sobre o futebol no Brasil. Surge no momento em que os jornais começam a apostar em cadernos e suplementos temáticos. A popularização desse subgênero nos jornais brasileiros coincide com dois fatos: a ascensão do futebol como principal esporte no país a partir do Rio de Janeiro no início do século XX e a sedimentação de uma imprensa profissional, “ambos iniciando como modismos, coadjuvantes em seus respectivos campos, o literário e o esportivo, ganhando forte adesão populacional na primeira metade do século XX, tornando-se fenômenos de massa” (CAPRARO, 2007, p. 40).

Rodrigues, assim como José Lins do Rego, Mário Filho e Luís Fernando Veríssimo, fez da crônica o lugar ideal para tratar do futebol, captou sua alma popular. Escreveu para os cadernos de esportes do *Jornal dos Sports*, *O Globo*, *Revista Manchete*, *Manchete Esportiva*. Sua vocação dramática, presente também nas crônicas de *A vida como ela é ...*,¹ aparece também quando comenta futebol. Segue “um ritmo próprio dentro da temporalidade teatral estabelecida pelo próprio escritor e teatrólogo” (MARQUES, 2000). “Exaltado e hiperbólico”, “cheio de verdades definitivas”, na opinião do jornalista Marcello Rollemberg (1998, p. 58), Nelson “não via os jogos com os olhos. Ele os via com a alma” (idem).

Avesso à objetividade apregoada como qualidade do jornalismo que começava a ser praticado no país, ressalta a subjetividade em sua produção. Na crônica *Bandeirinha Artilheiro*, publicada em 2 de maio de 1959, pede: “Amigos, sejamos mais líricos e menos objetivos” (RODRIGUES, 2007, p. 516).

2. Comunicação de Massa no Brasil e o “Novo Olimpo”

No final do século XIX, o Brasil começa a desenvolver “lentamente a imprensa nos moldes capitalistas, que consagra seu poder real e a liquidação de todas as oposições políticas” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 5). Sodré (1998) destaca que os meios de produção e circulação, assim como as relações do jornal com seus leitores, anunciantes também se alteram, numa transição mais evidente na chegada do século XX. Nessa esfera, o leitor transforma-se em consumidor e em mercadoria, afinal, é o número de leitores o principal argumento das empresas

¹ Coluna criada em novembro de 1951, a pedido de Samuel Wainer, proprietário do jornal Última Hora.

de mídia para conquistar anunciantes (RAMONET, 1999, p. 19). Essa conversão de cultura em mercadoria, incluindo-se a informação, é definida como “Kulturindustrie”, ou “Indústria Cultural”, termo cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, pesquisadores da Escola de Frankfurt, em 1947. Designa a exploração sistemática e programada de “bens culturais” com fins comerciais (JIMENEZ, 1977, p. 85). No Brasil, a partir de 1930 – após a quebra da bolsa de valores norte-americana, no ano anterior, e no início da Era Vargas – se consolida essa estrutura empresarial para bens culturais e praticamente não há espaço para publicações menores (SODRÉ, 1998, p. 371). Os meios de comunicação procuram formas de atrair o maior número de leitores, e começam a moldar seu produto ao gosto do público.

Na mídia impressa, uma forma encontrada de atingir o todo é justamente pensar na parte. Ocorre a especialização dos conteúdos em cadernos e suplementos específicos: esportes, política, cultura, variedades. No Brasil, essa “atomização do real” começa na década de 1950, marcada especialmente pelo lançamento de revistas infantis e femininas. Em 1952, o lançamento de *Manchete* é indicador do fenômeno editorial que vai adquirir contornos definitivos nas décadas seguintes (NASCIMENTO, apud BAHIA, 1990, p. 399). É nesse meio que serão veiculadas as crônicas do *Meu Personagem da Semana*.

Em 1962, o sociólogo, antropólogo e filósofo francês Edgar Morin escreve o livro *L'e Spirit du Temps*, que no Brasil ganha o título de *Cultura de Massa no século XX*, é dividido em dois volumes – *Neurose* e *Necrose*. No primeiro, *Os Olimpianos* é o título do 10º capítulo. Olimpianos, explica, são as vedetes da grande imprensa estão “no encontro do ímpeto do imaginário para o real e do real para o imaginário” (MORIN, 1995, p. 105). Não são apenas os astros de cinema, mas também os campeões, príncipes, reis, playboys, exploradores, artistas célebres, e , diferentemente dos mitos ancestrais, participam da existência empírica, enferma e mortal. Estão longe das lendas e das epopéias e mais próximos do cidadão normal e, por isso mesmo, tornam-se modelos na modernidade. Formam uma mitologia de felicidades almejada pela massa.

Os olimpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação. **Concentram-se nessa dupla natureza de um complexo virulento de projeção-identificação.** Eles realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário. A esse título, os olimpianos são os condensadores energéticos da cultura de massa” (MORIN, 1995, p. 107, grifo nosso).

3. O Olimpo rodrigueano da Copa de 58

Em *Meu personagem da semana*, Nelson Rodrigues elege semanalmente, a partir de 24 de agosto de 1957 um jogador para ser o personagem-tema da coluna. Durante a Copa de 1958, os seis eleitos foram, na ordem: Gilmar, Garrincha, Pelé, Vavá, Didi e, na crônica de 12 de julho, elege todo a seleção.

3.1. Meu personagem da semana: Gilmar, em 14/6/1958²

Para essa primeira crônica do Mundial, Nelson escolhe um atleta em geral pouco lembrado em vitórias por goleada: o goleiro. Gilmar é o personagem da semana por assegurar, na defesa, que os austríacos não abrissem o placar. O escritor compara o camisa 1 a um artista; a descrição da defesa de uma cobrança de falta dos austríacos ocupa metade do penúltimo parágrafo, esboçando “o quadro” que Gilmar “pintou” ao evitar o gol de empate adversário.

Contrariando o que se tornaria regra de ouro nos manuais de redação jornalística, Nelson “enxarca” sua crônica de adjetivos. Não se trata apenas de dar opinião. Ele não quer convencer pelo concatenar de ideias, mas pelo tom quase dogmático das suas frases: fala como se fizesse um sermão. DaMatta (2000) destaca que o esporte moderno é um elemento crítico no discernimento no processo de contato cultural entre sociedades que a cultura de massa tem acelerado nos últimos anos. No caso do futebol, explica, cada sociedade exalta certos aspectos da modalidade, em detrimento de outros, que correspondem a seus problemas preocupações, sua ética, seu *ethos*: o futebol-força europeu, o futebol-cerebral russo, o futebol-arte latino-americano, o futebol-malandro do brasileiro. Rodrigues faz isso, ao conferir ao arqueiro a qualidade principal do próprio “futebol arte” do brasileiro, a firula, Nelson coloca Gilmar no altar do olimpiano.

3.2 Meu personagem da semana: Garrincha, em 21/6/1958³

No banco de reservas nos dois primeiros jogos, Garrincha estreava em Copas do Mundo. Logo de cara, torna-se o *Personagem da Semana* pelo que fez em campo. O cronista cria um

² A estréia do Brasil na Copa de 1958 foi contra a Áustria, em partida disputada na cidade de Uddevalla, em 8 de junho. Com dois gols de Mazzola e um de Nilton Santos, o Brasil venceu por 3 a 0. O primeiro gol saiu aos 38 minutos, no passe de Zagalo a Mazzola. Só então a seleção conseguiu o domínio do jogo, visto que os austríacos tiveram de adiantar sua formação, abrindo espaço para o ataque brasileiro.

³ Último jogo da primeira fase. Brasil e URSS já haviam vencido a Áustria e empatado com a Inglaterra. Disputavam o primeiro lugar do grupo. O confronto foi em 15 de junho, em Gotemburgo. O Brasil vence os favoritos ao título, por seu “futebol científico” (CASTRO, in RODRIGUES, 1993, p. 53) com dois gols de Vavá.

clima de encantamento que Garrincha proporcionou aos presentes no estádio sueco. O Mané venceu a grande potência do Velho Mundo, no Velho Mundo. Capraro (2007) destaca que o clima ufanista permeia os escritos sobre futebol no final da primeira metade do século XX. Se os primeiros textos literários que faziam menção ao esporte tratavam mais se a modalidade “permaneceria” e qual seu valor para a identidade nacional do brasileiro, os textos mais próximos da década de 1950 - nos quais estão as crônicas futebolísticas rodrigueanas – predominantemente enaltecem o futebol como parte constitutiva da identidade brasileira, como grande qualidade da nação a ser mostrada ao mundo. Visão bastante clara nesta crônica.

Nas palavras de Nelson, Garrincha transformou o que seria o pior desafio do escrete em um baile em campo. Baile de tal forma fantástico que, assim como o Brasil estava fazendo a Europa reaprender o futebol, ensinaria a bailar. “Um carnaval sublime”. Todo o discurso é permeado por uma grandiloquência, com vocabulário é fértil nesse sentido: “colossal”, “fantástico”, “sublime” para o lado brasileiro e “humilhadíssimos” para o russos, reforçando o caráter hiperbólico do texto, conferindo-lhe força do discurso oral.

3.3 Meu personagem da semana: Pelé, em 24/6/1958

Aos 28 minutos do segundo tempo, Pelé recebe de Didi e faz o gol contra o País de Gales, colocando seleção nas quartas-de-final da Copa da Suécia. A partida das oitavas foi realizada em 19 de junho, em Gotemburgo. Confronto difícil, que Nelson não hesita em classificar como maior vitória do “escrete” naquele Mundial. O medo da derrota da torcida permite ao cronista remeter à derrota da decisão da Copa de 1950 para o Uruguai no Maracanã lotado, criando ambiente para lançar seu argumento de que até o destino estava a favor do time. Já considerando Pelé um jogador talentoso antes do Mundial, Nelson utiliza-se de uma opinião contrária – a de Leônidas – para desconstruí-la e assim reforçar o herói da camisa 10.

O Leônidas referido no segundo parágrafo da crônica é Leônidas da Silva, ex-jogador, inventor da jogada “bicicleta” e comentarista esportivo da época (CASTRO in Rodrigues, 1993, p. 55), que defendia que Pelé não estava pronto para defender o Brasil naquele jogo pelo fato de o atleta vinha se recuperando de uma lesão no joelho, que o deixara de fora das partidas contra Áustria e Inglaterra, na primeira fase. A frase que Nelson atribui a Leônidas – “Pelé devia ser barrado!” – exprime a mesma opinião do psicólogo da seleção, João Carvalhaes, após os testes que aplicou aos jogadores nos durante a fase final (CASTRO, 1995, p. 136). Ao destacar o comportamento do comentarista em relação à partida anterior, reforça o hábito de autoflagelação

do brasileiro. A resposta do cronista é categórica: “Quem faz, numa quarta de final, o gol da vitória não jogou mal coisíssima nenhuma”, encerrando a discussão.

“Foi um desses momentos em que cada um de nós deixa de ter vergonha e passa a ter orgulho de sua condição nacional”, hiperboliza. Novamente Nelson se utiliza do ufanismo: o futebol como meio de criar uma identidade nacional positiva. O garoto negro – “de cor”, nas palavras rodrigueanas – poderia se sentir inferior por sua condição social exposta ao preconceito, porém, tem força de caráter, “não se abala”, “possui a sanidade mental de um Garrincha” e sabe que “ninguém é melhor do que ele”. E é isso que faz com que consiga transcender dessa forma e servir de modelo para o brasileiro, “susceptível de se apavorar em face dos títulos do inimigo”.

3.4 Meu personagem da semana: Vavá, em 28/6/1958⁴

Nelson elege, depois de algumas delongas, Vavá para o título de personagem da coluna. Se no primeiro parágrafo lamenta a ausência do “13º jogador” (a torcida) para prestigiar o time, o autor destaca a raça de Vavá, “um fabuloso símbolo pessoal e humano do triunfo”. Para Nelson, o jogador se sobressai na vitória por “degaulleada”. Esse neologismo aglutina o principal argumento da crônica: o brasileiro mostra ao Velho Mundo que não pode mais ser subestimado. O selecionado verde e amarelo dá a Charles de Gaulle - então presidente francês - uma derrota sem contestação: de goleada. O controle do jogo por parte do Brasil é tamanho na visão de Nelson que as ações do oponente são apresentadas na voz passiva.

Nelson também faz referências à Literatura – o árbitro comparado ao ladrão-cavaleiro Arthur J. Raffles (personagem das novelas policiais de E.W. Hornung); a referência às fábulas de La Fontaine; a comparação de Vavá ao aventureiro Tartarin de Tarascon (personagem do romance homônimo do francês Alphonse Daudet, publicado em 1872), contribuem para lançar os 90 minutos de jogo para além do real. Lança a partida para o imaginário. Cria um épico dentro do gramado, com elementos dramáticos, cujo protagonista é Vavá. Em vez do cavaleiro medieval, destaca o herói de chuteiras vence o inimigo do Velho Mundo.

⁴ No jogo Brasil x França, em 24 de junho, nas semifinais, o Brasil venceu por 5 a 2, em jogo disputado em Estocolmo. O árbitro, Griffiths, do País de Gales, anulou dois gols legítimos de Zagalo e Garrincha. (RODRIGUES, 1993, p. 44). Pelo lado brasileiro, marcaram Vavá, Didi. Pelé fez três gols. Os franceses descontaram com Fontaine e Piatoni.

3.5 Meu personagem da semana: Didi, em 5/7/1958⁵

“E, todavia, penso em Didi”. A escolha do jogador para personagem da semana foi por questões além da atuação em campo. O cronista lembra que, com a bola nos pés, o atleta já era considerado um grande atleta. Nelson, deu a Didi as alcunhas de “príncipe etíope de rancho” ora de “imperador Jones” – referência ao protagonista de um drama expressionista de Eugene O’Neil – não se esquece que o meia era do tipo que acalorava as discussões nas rodas de torcedores: jogador de passes perfeitos, tinha fama de jogar só quando queria. Era avesso ao cabeceio, por exemplo, mas, por outro lado, queria ser admirado por sua torcida. No Fluminense, chegou a passar talco no rosto para parecer menos negro (CASTRO, 1995, p. 100).

São suas qualidades humanas as destacadas na crônica que o elevam a mito olímpiano. Para Morin, os novos olímpianos são, simultaneamente, “ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada” (1995, p. 106). Se Didi fora vaiado antes do Mundial, relembra o cronista, demonstrou um comportamento “esmagador” no Mundial. “O sensacional no triunfo de ontem está no seguinte: foi, antes de tudo, um triunfo do homem”, destaca Rodrigues. O jogador é comparado ao cantor, escritor e ativista americano dos direitos políticos e civis Paul Robeson, também negro. A estratégia do cronista é reafirmar o valor do atleta fora do campo. Mesmo enaltecido por sua humanidade, Didi está longe de ser um homem qualquer no texto rodrigueano: Didi recebe adjetivos dignos do mais nobre cavaleiro das histórias do Rei Arthur e a Távola Redonda. Mais que digno de um lugar entre os grandes guerreiros, Didi porta predicativos dignos de realeza. A camisa azul, mesmo improvisada, é da cor do sangue real. O uniforme suado, na visão rodrigueana, transforma-se em manto daquele príncipe etíope de rancho. O jogador ganha do cronista o traje digno dos deuses, os adjetivos do cavaleiro, do herói não reconhecido por seus pares.

3.6 Meu personagem da semana: o escrete, em 12/7/1958

Em vez de um jogador, Nelson Rodrigues encerra as crônicas sobre o Mundial de 58 elegendo os 22 campeões do mundo como seu personagem, especialmente pela euforia que causaram na pátria, agora sim, em chuteiras. É com ironia que vai relatar a constatação de tal fato: pressupõe a avidez da população em comprar jornais e revistas que relatem o triunfo

⁵ A final era contra os donos da casa, em partida no dia 29 de junho. Como jogavam ambas as equipes com camisas amarelas, a Suécia sugeriu sorteio para decidir quem trocava de uniforme. O Brasil perde esse primeiro confronto e jogou de azul, o Brasil venceu os suecos por 5 a 2 e conquista a Copa do Mundo pela primeira vez. Derrota os donos da casa, e apaga a derrota sofrida no Maracanã oito anos antes.

nacional no futebol. “analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas e liam tudo com uma devoradora curiosidade”, descreve, hiperbólico.

Para o cronista, o escrete de 58 foi capaz de, em seis jogos, fazer com que a nação expurgasse o complexo de vira-latas, esquecesse seu sentimento de inferioridade em relação ao resto do mundo. A ironia permeia toda a crônica. “Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos”, escreve o autor, satirizando a repentina mudança de comportamento nacional. Rodrigues antecipava que tal transformação não passava, ainda, da casca. Tanto que sempre que a seleção canarinho sofria um revés, a crônica apreendia a reação do torcedor, exibindo resquícios do complexo.

4. Considerações finais

Nas seis crônicas esportivas escritas por Nelson Rodrigues para a *Manchete Esportiva* durante a Copa de 1958, percebe-se forte presença de elementos em que o autor alça jogadores de futebol ao sublime, contribuindo para a criação do que posteriormente Edgar Morin define de olímpianos. O primeiro indício dá-se logo no título da seção, *Meu personagem da semana*, que já sugere tal promoção: eleva-se o atleta real ao status de personagem, ser imaginário, capaz de peripécias não permitidas a mortais.

Ainda investigando o título da seção, o pronome possessivo em primeira pessoa do singular - “meu” - indica uma visão única, a do autor. E indica que se terá um texto subjetivo, da visão e opinião de Nelson Rodrigues, não necessariamente de acordo com o que os fatos poderiam apontar. Uma partida em que atleta X foi o destaque por seu desempenho não resultará na sua eleição na coluna. Nelson pode ver um outro fato que lhe permita conferir o “prêmio” de transformar em personagem da semana um outro atleta.

A análise destas crônicas sobre o goleiro Gilmar, Garrincha, Pelé, Vavá, Didi e de todo o escrete permite notar que Nelson Rodrigues, transformar seus eleitos da semana em personagens, os lança ao papel que Edgar Morin posteriormente vai nominar de “olímpianos” – os jogadores são lançados justamente ao campo do imaginário e cumprem papéis de seres modelares e inspiradores para um país que ainda procura sua valorização nacional. Nesse sentido, Nelson Rodrigues transforma o jogador no cavaleiro contra os adversários do Velho Mundo, valoriza o

jovem “de cor” que “dá um baile” nos europeus, transforma a camisa azul da seleção no manto da nobreza.

Assim, o comportamento dos personagens da semana em suas crônicas servem de modelo para a superação do que ele mesmo denomina do “complexo de vira-latas” do brasileiro, em relação ao sentimento de inferioridade ou de incompetência frente aos povos de outras nações. Mais que lançar os campeões de 1958 a missão de suprir as aspirações coletivas de vitória, esses jogadores são portadores de virtudes modelares ao brasileiro. Olimpianos puros.

Para elevá-los a esse posto, o cronista não hesita em, recorrentemente, afastar-se acontecimentos do jogo, para descrever comportamentos extra-campo dos atletas – como nas crônicas sobre Didi, especialmente, e de Garrincha e Pelé.

Cabe destacar, contudo, que esses novos heróis de chuteira estão mais no campo da celebração do atleta que para a exaltação de um modelo de comportamento para a identidade do brasileiro, embora Nelson Rodrigues se esforce para reforçar o tom de ufanismo em torno do escrete: em uma competição em que o Brasil só confrontou adversários europeus, em solo europeu, ele sempre destaca como os valores dos atletas brasileiros foram essenciais para vencer não só o embate dentro do gramado, mas um confronto secular, o do Novo Mundo contra o Velho Mundo. E os faz, com efeito, em pelo menos metade das crônicas da Copa de 1958.

Para ele, a vitória em verde e amarelo só é possível pelo futebol “índio de carnaval” do acrobático goleiro Gilmar, a simplicidade e a “sanidade mental de garoto” de Garrincha, a incredulidade no inimigo e a segurança do garoto de 17 anos Pelé, a coragem de Vavá, a generosidade e a qualidade moral de Didi e a mistura desses atletas tão diferentes e tão complementares que formam a seleção canarinho, exemplo vitorioso de valorização da miscigenação. Usa o Mundial da Suécia para narrar o triunfo do futebol moleque sobre o científico e estratégico do europeu.

O escrete é eternizado pelas linhas do *Meu personagem da semana*, que possibilitou o que Edgar Morin atribuíra ao olimpiano: sua dupla natureza. Ao mesmo tempo que o povo *projeta* no jogador seus anseios, *identifica-se* com ele, tende a adotar a mesma postura. Os meios de comunicação potencializam essa visão, convidam o cidadão comum a transportar para o imaginário os atletas de *Meu Personagem da Semana*, elevando a mitos personalidades que não têm, de fato, poderes sobrehumanos ou que desenvolveram ações que melhorassem, de fato, a

vida do cidadão. De jogadores, Nelson Rodrigues alça-os, na página do jornal, a mitos da modernidade.

Fátima Antunes (apud CAPRARO, 2007 p. 208) destaca que Nelson Rodrigues reforça “um modelo literário impregnado de conceitos como os de raça, de pátria e de identidade nacional a partir do uso do futebol como metáfora da nação”. E o fez com sua verve dramática, mesmo caindo, por vezes, no estereótipo, com suas verdades absolutas, constantes repetições e nada econômicas adjetivações, mantendo a postura do escritor dos tempos românticos do jornalismo, avesso à modernização a que se submetera o mundo em décadas anteriores e que chegava ao Brasil.

A alcunha dada de “rei” atribuída por Nelson Rodrigues a Pelé em 1958, antes ainda de o garoto que jogava pelo Santos vestir a camisa da seleção, e que até hoje é empregada para referir-se ao eterno camisa 10 é de como esses moradores do Novo Olimpo podem perdurar. Percebe-se, pois, como o texto de Nelson Rodrigues trabalha a formação da imagem do ídolo.

Referencial Bibliográfico

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica – História da Imprensa Brasileira**, 4 ed. São Paulo, Atica, 1990;

CÂNDIDO, Antônio. **A vida ao rés-do-chão**. in *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Cândido, Antônio [et al] , Campinas, SP: Editora da Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992;

CASTELLO, José. **Um gênero Brasileiro**. In *Gazeta do Povo*, Curitiba-PR, 2 de agosto de 2008, Caderno G, p. 3;

CASTRO, Ruy. **Estrela Solitária – Um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;

CAPRARO, André Mendes. **Identidades Imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva do século XX**, tese apresentada como quesito parcial ao título de doutor do programa de doutorado em história do departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007, <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/13529/1/Tese%20Defesa%20-%20Corpo.pdf>>, acesso em 7/11/2009;

DAMATTA, Roberto. **O significado do esporte na sociedade moderna e do futebol no Brasil**. Publicação da assessoria de imprensa do site do Banco do Brasil.

2000.<<http://www.bb.com.br/portalbb/page1,138,2517,0,0,1,6.bb?codigoMenu=5253&codigoNoticia=6724&codigoRet=5257&bread=3>>, acesso em 20 de agosto de 2009.

MARCONDES FILHO, C. (org.) **A conquista das consciências pela fantasia** In: A linguagem da sedução. São Paulo, ed Com Arte, 1985;

MARQUES, José Carlos **O futebol ao rés do chão**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 23. Manaus: Intercom - GT Esporte e Mídia, 2000. 1. CDROM;

MORIN, Edgar. **Os Olimpianos** In: Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo- Neurose, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995;

RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**, Petrópolis, ed. Vozes, 1999.

ROLLEMBERG, Marcello. **O idioma do Futebol** In: Gol de Letra, o futebol em prosa e verso. Revista Cult, nº 11, junho de 1998, páginas 57-61;

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol** / seleção e notas Ruy Castro. São Paulo: Companhia de Letras, 1993;

_____. **O berro impresso nas manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007;

SANCHES NETO, Miguel. **Crônicas e Cia**. Gazeta do Povo, Curitiba-PR, 5 de janeiro de 2008 ,Caderno G, páginas1-3;

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998;